ENCONTRO COM O PRESÉPIO

É tão impressionante a simplicidade da narrativa evangélica do nascimento de Jesus, que ela se pode chamar simplesmente um quadro natalício, de expressão literária, distribuídos como estão o ambiente e a sequência dos acontecimentos.

Caminho assim aberto, iluminado, sem meandros, facilita um encontro franco, simples, um encontro diríamos de crianças seja com quem for.

O meu primeiro encontro com o presépio deu-se precisamente quando era criança, aos sete anos.

Não foi então um presépio tradicional, com encostas, vales e montanhas de musgos, rebanhos e pastores, casas brancas e mulheres lavadeiras, regatos, pontes e coretos, bandas de música, compadres e fogueteiros e, ao centro desta teoria, mais ou menos disposta, a gruta, onde o Menino e Sua Mãe, em companhia de S. José, tinham bem perto o boi e a burrinha de composição apócrifa.

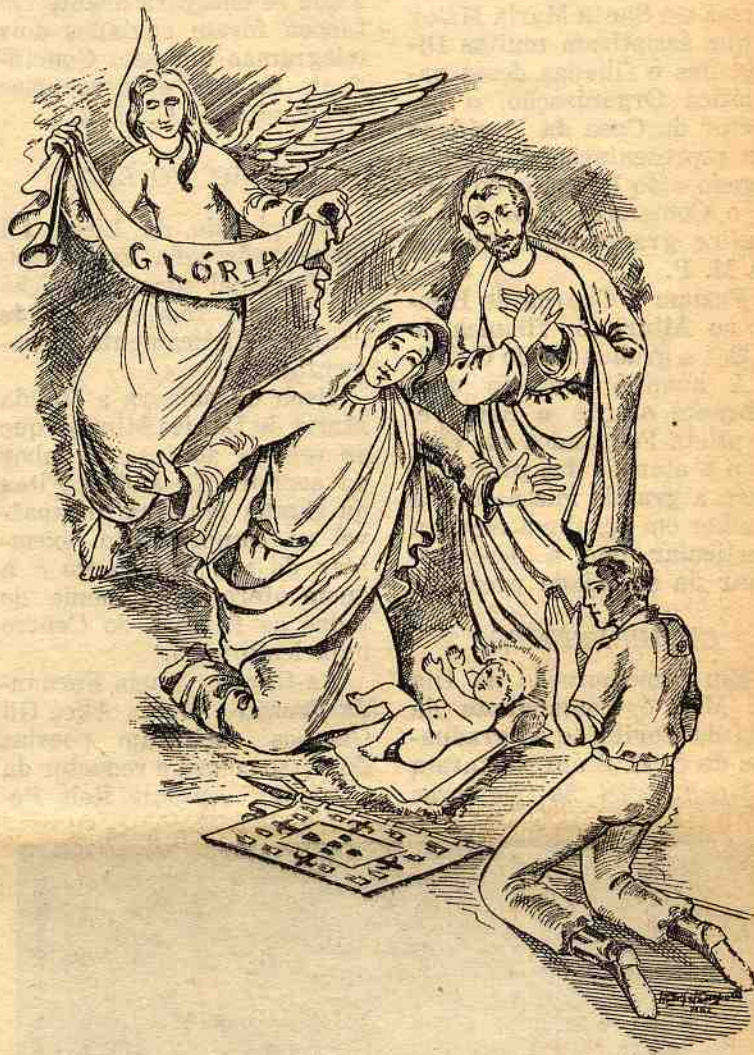
O presépio dos meus sete anos foi algo mais. Muito mais. Encontrei-o dentro de mim, num instante, naquele momento da primeira comunhão. Era Jesus só, vivo, em corpo, sangue, alma e divindade, com o Pai e o Espírito Santo. Deus a comunicar-se, a dar-se. Compreendi então o cântico dos Anjos em Belém—«glória a Deus no mais alto dos céus e paz na Terra entre os homens do seu agrado» —, a pressa dos pastores, o êxtase dos Magos, a expressão do Evangelho — «e o Verbo se fez carne e habitou entre nós». Compreendi então o que era um presépio, como ele se animava.

Mas este presépio vivo tem um fim. Disse-o Jesus — «eu vim para que tenham a Vida e a tenham em abundância. Deus a comunicar-se, a dar-se totalmente, por causa de nós, da nossa salvação.

*

O Menino Jesus de minha casa não descia pela chaminé, não recebia cartinhas, não se acolhia sob árvores de Natal cobertas de sincelo, pejadas de prendas, como nas montras dos estabelecimentos e nos largos das feiras, num artificialismo que nada nos diz.

Ouvi sim, mas só os ecos dos autos de Natal que decorriam naquela noite, no

CONTINUA NA 9.ª PÁGINA

EDITORIAL

Ao principiar o Novo Ano que pedimos a Deus seja o ano do triunfo final e da justiça plena para a causa portuguesa, «Chama» lembra comovida e orgulhosamente todos aqueles que longe da metrópole, das suas casas e das suas famílias lutam e morrem pela continuação de Portugal.

Muitos camaradas nossos foram já chamados a dar testemunho da sua fidelidade e caíram no campo da honra.

Não os esqueceremos e havemos de procurar ser dignos do seu exemplo quando chamados a cumprir o nosso dever.

Nesta hora de esperança que acompanha sempre o início dum Ano Novo, afirmamos, igualmente, a nossa fidelidade ao espírito e ideais que sempre professámos e que hoje, mais do que nunca, urge afirmar e defender num cerrar fileiras em volta da unidade nacional, condição primeira para que a tormenta se vença e a paz torne a reinar em toda a terra portuguesa.

DIRECTOR ★ A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO ★ A.C.C. JOÃO MANOEL O. MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
1 DE JANEIRO DE 1963
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO
12

DIA DA MÃE

MISSA EM SANTA MARIA MAIOR

No dia 8 de Dezembro a Mocidade Portuguesa Feminina mandou celebrar uma Missa em Santa Maria Maior a que assistiram muitas Dirigentes e filiadas dessa patriótica Organização, o Director da Casa da Mocidade em representação do Subdelegado e do Director do C.E. 2, o Comandante da Ala e muitos graduados e filiados da M. P.

Faziam a Guarda de Honra ao Altar-Mor filiadas do C.E. 1 e graduados do C.E. 2.

À homília proferiu uma vibrante oração o Rev. Pe. Baptista Fernandes que chamou a atenção dos presentes para a grande missão que a mulher em geral e a mãe em particular tem a desempenhar na sociedade presente.

CUMPRIMENTOS

Em comemoração do Dia da Mãe o Comandante da Ala da Covilhã e os graduados do C. E. 2 apresentaram cumprimentos às senhoras D. Fernanda da Cruz Ranito Balthazar, esposa do sr. Presidente da Câmara, D. Judith Fitas da Cunha Martins, Subdelegada Regional da M. P. F. e D. Hortense Abrantes da Cunha, esposa do Reitor do Liceu e Director do C. E. 2, a quem ofereceram lindos ramos de flores.

À senhora D. Gonzaga de Melo e Castro, esposa do nosso Subdelegado Regional e que se encontra doente em Lisboa foram enviados dois telegramas um pelo Comandante da Ala e outro pelos Graduados do C. E. 2.

SESSÃO NO LICEU

No ginásio do Liceu foi inaugurada pela Subdelegada Regional uma exposição de lavores femininos e de berços artìsticamente ornamentados.

Usou da palavra a filiada Maria de Lurdes Mimoso que se referiu ao intenso labor da senhora D. Judith Fitas da Cunha Martins, incansável no cumprimento exemplar do seu alto cargo e a quem ofereceu em nome de todas as filiadas do Centro uma lembrança.

As filiadas Maria Fernanda Frazão e Maria Alice Gil Campos recitaram poesias do nosso colega e redactor da «Chama» António Reis Pedroso que toda a assistência muito apreciou e aplaudiu.

A Subdelegada Regional nas suas palavras de agradecimento referiu-se à obra que a M.P.F. vem desenvolvendo ao longo destes 25 anos tendo historiado as principais iniciativas durante esse período levadas a cabo.

Lastimamos, sinceramente, que uma festa de tão alto nível tenha tido uma assistência tão diminuta pois bem merecia ter sido apreciada.

O nosso Centro fez-se representar pelo Director-Adjunto, todo o corpo de graduados e muitos arvorados.

Filiadas com os enxovais Distribuidos

À VIRGEM MÃE

Ó Virgem Mãe, hoje é o Vosso dia.
Todos os filhos pedem Teus favores.
As nossas mães a chorar de alegria
Aqui estão, cantando os teus louvores.

Quando me achar no mundo sem ninguém,
Quando me insultarem sem razão,
Só Vós podeis valer-me, Virgem Mãe,
E só a Vós, darei meu coração.

As nossas mães, dá bênçãos por favor
Dá-nos a nós para elas mais amor
Ó Mãe de Deus bendita, sempre Pia.

Pelas nossas mães, eu peço sem cessar
A Ti, eu não me canso de louvar
Bendita sejas pois, Avé Maria.

A. R. PEDROSO
(A.C.C.)

PALAVRAS DA FILIADA MARIA DE LURDES PINTO MIMOSO

Das palavras da nossa colega extraímos a seguinte passagem:

«Quando depois da Restauração de Portugal os nossos reis proclamaram a Virgem, sobre a evocação da sua Imaculada Conceição, Padroeira do Reino, podemos dizer que junto do seu altar todos os portugueses se congressaram como filhos amantíssimos.

Nesse dia, muito antes de legislações futuras, nasceu verdadeiramente o Dia da Mãe, que por ser de Deus, o era, igualmente, dos Homens e dum modo muito especial desta terra de Santa Maria. E, quando, recentemente se deu expressão formal a um sentimento colectivo que vinha dos primórdios da Nacionalidade, outro dia não podia ser escolhido para homenagear a Mãe da Terra que aquele em que os Anjos cantam Hossanas em louvor da Mãe do Céu, ambas reunidas no mesmo amor, e porque expoentes da mais pura afeição que vitaliza o coração humano, longe de se oporem, se completam, de se afastarem se harmonizam.

E a presença de Maria vemo-la nós evidente nos momentos mais angustiosos da nossa longa História.

Quando as ameaças de Castela pareciam vir desfazer o sonho de Portugal livre e independente, surge em vigília da Assunção a hora vitoriosa de Aljubarrota.

Quando as almas se preparavam para festejar a Imaculada Conceição, os sinos de Lisboa, em repique que teve a sua repercussão na portuguesa Goa, no Macau tão longínquo e nas inóspitas e lusitanas paragens da Ásia e da África, anunciaram ao mundo que a dinastia de Bragança, subindo ao trono de seus maiores, nos dera de novo um Rei natural.

E no século passado, quando em Moçambique se defendia a integridade da Nação, foi em dias da Senhora Padroeira do Reino e a Quem a Rainha Senhora D. Amélia pedira especial protecção para os nossos soldados que obtivemos as vitórias decisivas que para sempre mataram veleidades de dar a Moçambique outra soberania e implantar nessas terras do Gama outra cruz, diferentes daquelas que o navegador lhe legara.

Neste dia eu lembro, dum modo especial, as mães portuguesas que têm o orgulho de contar entre os soldados que deram a vida pela Pátria, filhos seus.

Perante essas me curvo e as acompanho nas suas orações de Saudade...»

A ROMAGEM DESTE ANO

24 de Novembro passado foi mais uma vez, grande dia para o nosso Centro. Isto porque mais uma vez os antigos colaboradores da nossa família aqui vieram matar saudades. Eles e nós, evidentemente. Jornada inesquecível em que encontrámos expressão de todos os sentimentos. A alegria de voltar é, sem dúvida, algo que enche as almas, e as faz sentir felizes. Vieram muitos; mais que nos anos anteriores e quase todos. Os que não puderam estar presentes mercê de motivos, o mais justificados possível, também estiveram presentes, por eles nas mensagens que nos enviaram e por nós no pensamento que lhes dedicamos.

Em casa da Subdelegada da MPF

O programa pouco variou do dos anos transactos. Juntou-se, agora, a apresentação de cumprimentos à Sr.ª Subdelegada Regional que tão carinhosamente nos recebeu em sua casa. Uma nota triste, tal realidade da vida a chamar-nos a atenção para que não esquecessem demasiado o material: motivos de doença impediram o nosso Reitor de estar presente, contra seu grande e nosso desejo. Por sua casa desfilaram quase todos em homenagem sentida de reconhecimento e votos de melhoras.

Substituiu-o o Sr. Vice-Reitor que a todos encantou com a sua simplicidade e vontade expressa de viver connosco tais momentos. Assim, recebeu na Biblioteca do Liceu os «antigos» que voltaram e os «novos» que os acompanhavam. Dois pontos a frizar nesta altura: nomeação do primeiro Comandante Honorário do Centro e entrega de um prémio a um antigo graduado, exemplar como chefe e como aluno.

Reunidos à uma grande mesa durante o jantar deu-se então largas ao grande entusiasmo e velhos e novos recordaram tempos idos, contaram vidas diferentes e deram conselhos de experiência. Muitos foram os que usaram da palavra — trocaram-se saudações, recordaram-se momentos idos e fizeram-se votos. Que tudo se processe como então se desejou e teremos uma vida ímpar na sociedade.

Não se esqueceu que tal festa estava ligada a uma data; data essa que recordava o momento da entrada para as fileiras da Organização de um grande Dirigente que todos admiramos.

A ele dirigimos as nossas homenagens.

Fusão de gerações

noite de natal

Sob o seu manto de neve,
Jaz a terra adormecida;
Nem o piar duma ave
Lhe dá uma nota viva.

No Céu, brilham as estrelas
Com mais viva claridade;
No Firmamento, solene,
Há algo de Eternidade.

Súbito, vê-se um clarão!
Uma estrela rasga o Céu!
Deixando um rasto de luz!

Que será? Um astro? Não!
O que à terra desceu
Foi o Menino Jesus!

MOURA E SILVA

SONHO

Conto de Luís Filipe M. e Silva

O maior desejo de Miguel, este ano, é ter um automóvel de corda, com businа, faróis, e tudo. Há muitos meses que ele anda a pedir ao Menino Jesus todas as noites, sem se esquecer uma vez só, e tem a certeza de que o seu pedido será atendido. Por isso ele anda tão contente, e ao mesmo tempo impaciente. Miguel é rico, e todos os anos o Menino Jesus lhe enche os sapatinhos de maravilhosos brinquedos. Por isso ficou tão espantado quando ouviu o Zèzito dizer que a sua maior alegria seria que o Menino Jesus lhe pusesse na chaminé um carro de corda; nunca tinha tido nenhum...

O Zèzito também anda na escola, é até um dos melhores alunos, mas a mãe precisa de trabalhar muito para que ele a possa frequentar, pois o Zèzito já não tem pai. Ele sabe o sacrifício que a mãe faz, e aplica-se o mais que pode para merecer esse sacrifício e lhe dar alguma alegria.

CONTINUA NA 9.ª PÁGINA

INICIAÇÃO LITERÁRIA

NATAL SERRANO

ORIGINAL DE **ESGALHADO DE OLIVEIRA**

Tinha nevado toda a noite e por volta do meio dia a neve continuava ainda a cair, estendendo por toda a montanha um vastíssimo lençol duma brancura irreal; até onde a vista podia abranger, só neve, só neve se descortinava. Por isso não se descobria nem a crista de um rochedo, o franjado duma árvore, nem sequer a dobra de uma nuvem se via no Céu.

O Céu um manto cinzento de chumbo, a terra um lençol alvíssimo envolvendo a serra inteira. A Natureza parecia adormecida; não se ouve o canto das aves, nem os balidos dos cordeiros, nem o búzio dos pegureiros; não soam pelas veredas as cascos e os guisos dos cavalos que todos os dias cruzam a serra, carregados de carvão e carqueja, que os seus donos, velhos e alquebrados, vêem vender na cidade, na esperança de juntar alguns magros escudos que, quem sabe? talvez sejam destinados a comprar alguma guloseima para a noite da consoada. Na falda da serra há uma casa velhinha, coberta de neve com o cenário que a rodeia. Dentro, a família reuniu-se em volta da lareira, onde um grosso toro de pinheiro derrama em volta uma doce claridade alaranjada, ao mesmo tempo que com o seu calor, aquece e anima aquela família amiga que se juntou para festejar o nascimento do Menino Deus. Como há dois mil anos a noite aproxima-se gelada. Lá fora a geada cresta. Há um silêncio pesado pois todos parecem recolhidos ouvindo o sibilar do vento por entre o pinheiral ou revivendo outros Natais, passados como este entre a brancura imaculada da neve. Aquele silêncio parece pesar sobretudo nos olhitos pretos da Joana, uma pequenina viva e azougada, que de repente se volta para a avó, pedindo:

Avó conte-me outra vez aquela história tão linda, do menino que nasceu assim numa noite tão fria como esta!

Sim minha querida, chega-te aqui para ao pé de mim, assim...

E encostou a si a cabecita morena da netinha estremecida e começou como nos anos anteriores:

Naquela noite Nossa Senhora e S. José iam montados num burrinho e quando chegaram a Belém...

A criança, encostada aos joelhos trôpegos da avó, sorria encantada ouvindo a maravilhosa história que a avòzinha, com uma santa paciência lhe contava pela 5.ª ou 6.ª vez... Ia ouvindo: Estava frio, muito frio, assim como hoje, e eles não encontravam quem lhes desse agasalho, por isso tiveram que se abrigar numa gruta onde um homem recolhia uma vaquinha que tinha. E foi assim que nasceu o Menino Jesus e foi essa vaquinha que o aqueceu com o seu bafo quente, enquanto Nossa Senhora e S. José de joelhos adoravam o Menino, porque eles sabiam que aquele Menino era Deus, porque era filho de Deus...

E os Anjos vieram do Céu e contavam em volta do Menino, e uma estrela muito grande e muito linda veio também do Céu e parou por cima daquela gruta... E a avó calou-se. É que a sua netinha, tinha adormecido, e pelo sorriso que desenhava nos seus lábios podia-se adivinhar que ela continuava em sonhos, a bela, a maravilhosa história que a avó lhe contava pela 5.ª ou 6.ª vez... Vieram os Anjos... Veio a estrela... Os Anjos cantavam... Glória a Deus!

O MAIS FORTE

Algures, numa risonha e verdejante aldeia do nosso Portugal, habitava uma família, composta pelos pais e por dois filhos. O pai que trabalhava nos campos, era considerado um homem de mediana fortuna, pelo que, muitas vezes, dizia à mulher:

— Maria, quando os nossos filhos crescerem hão-de estudar, que, graças a Deus, nós podemos suportar essas despesas.

A isto a mulher respondia:

— Não conseguirão estudar os dois; só o Manuel conseguirá fazê-lo. O João Rui, coitado, nunca poderá fazer coisa alguma.

Realmente havia entre os dois irmãos bastantes diferenças. Enquanto que o Manuel, o mais velho, era alto, forte e tinha cores saudáveis, o João Rui, apesar de ser alto como o irmão, era magro e tinha um aspecto fraco, opondo à alegria do irmão uma melancolia constante, que fazia com que a família e os amigos o considerassem como um pateta.

Os tempos passaram. Como sempre tinham pensado os pais mandaram o Manuel a estudar para a cidade mais próxima. Passados dois anos chegou a altura de ir o João Rui, que para isso teve de lutar contra a oposição dos pais, que alegavam ser estragar dinheiro mandarem o rapaz cada vez mais triste, consentiram. Nunca se arrependeram de o ter feito, pois que, se o Manuel perdeu dois anos, o João Rui, sempre com notas bastante boas, fazia o curso dos liceus, com grande facilidade. Quando vinham a férias, Manuel parecia sempre aos olhos dos pais, mais perfeito e mais forte na aparência, mas muito enfraquecido moralmente. Manuel, desde que estava na cidade começara a frequentar sítios perigosos para a sua consciência de cristão. Depois de fazerem o 7.º ano começaram novamente os pais a pensar no futuro dos filhos, e era frequente ouvirem-se entre eles estas palavras:

— Olha Maria, já agora, por mais uns anos devemos deixar continuar a estudar pelo menos o Manuel. Daqui a alguns anos será Sr. Dr., e ajudar-nos-á. Quanto ao João Rui acho melhor deixá-lo em casa, pois, infelizmente, cada vez tem mais aspecto de doente e de pateta.

E Maria concordava com o marido.

Quando estes projectos foram comunicados a João Rui este não gostou.

Sem perder tempo correu a casa do padre, do professor e de todas as pessoas que tinham influência no espírito dos pais, e a pedido delas, os pais resolveram deixarem-no matricular-se na Universidade.

Em Coimbra, influenciados de maneira diferente pelo meio Académico, os dois irmãos faziam coisas totalmente opostas. Enquanto João Rui estudava, Manuel procurava nas tabernas, pretexto para lutas onde mostrava a sua grande força. João Rui passou sempre com boas notas, sendo um bom aluno, e os pais começaram a orgulhar-se dele. E na terra, nos domingos, ao sol, as velhas, còmodamente sentadas à porta, discutiam esses dois irmãos dizendo admiradas que «o pateta» do João Rui estava a provar a toda a aldeia que o verdadeiro pateta era o Manuel. Este, em virtude da vida de boémio que levava adoeceu e contraiu uma tuberculose. Nesse tempo já os pais eram muito velhos e doentes, e foi o João Rui que se empregou e conseguiu assim arranjar algum dinheiro para o tratamento do Manuel. Quando João Rui acabou a formatura e se conseguiu colocar, o seu ordenado era repartido pelos velhos pais e pelo irmão, que, internado num Sanatório se conseguiu curar.

Convidado por João Rui, que com a evolução do tempo tinha perdido o aspecto doentio e era agora um rapaz saudável, para ir a casa dele, foi, e aí, impressionado com o exemplo do irmão, renasceu o seu amor pelo estudo e a sua alma, adormecida, despertou de novo para a Religião Cristã. Voltou a estudar, e quando acabou o curso foi considerado um bom advogado, em que não se reconhecia o rapaz boémio de alguns anos atrás.

Quando voltaram à aldeia para visitarem os seus velhos pais, ninguém reconhecia o Manuel apesar dele estar novamente forte. É que o seu rosto adquirira uma expressão séria que ninguém lhe conhecia. E quando os velhos da aldeia lhe lembravam que ele sempre tinha sido mais forte do que o João Rui, Manuel negava, dizendo que o irmão era mais forte do que ele. Realmente assim era: o João Rui tinha conseguido que o irmão se salvasse, tanto física como moralmente.

Maria Stela Pacheco Cardoso

O CASTELO DE CARTAS

Sonhar!
Como é bom...
Os ideais são realidades
As tristezas alegrias
Mas tudo é obra de um sonho
Quando desponta
Arrependo-me de ter sonhado.
Os meus ideais não são realidades
Nem as tristezas, alegrias.
Então procuro isolar-me no meu mundo
Fechar-me completamente
E não sonhar.
Pensar!
Pensar na minha estúpida existência
Pensar no que ambiciono e não consigo
Pensar na verdade sem fantasias
Pensar até mais não conseguir.
Pensar! Pensar! Pensar!
Pensar até cair.

PINTO DA SILVA

contos à lareira

Era Inverno. A chuva fustigada pelo vento, fazia nos vidros das janelas um barulho ensurdecedor. A porta escancarada batia fortemente num constante vaivém.

O frio naquele lugar da Beira, nas faldas da Serra da Estrela, enregelava os corpos. Na rua não se via uma alma. A lenha seca apanhada pelos montes crepitava no lar. A família, acabada a ceia, aproximava-se cada vez mais do lume acariciador.

— Ó avòzinha, como é que se perdeu o pastor do sr. doutor? — perguntou a Necas, a netinha mais nova de tranças loiras e olhos azuis.

— Ora escuta:

Havia dias que chovia quase sem cessar. Os pastores não saíam com os gados. Mas naquele dia depois duma chuva miudinha ter deixado de cair, as nuvens começaram a desaparecer e o Sol parecia querer mostrar os seus raios luminosos. Parecia que o Inverno iria acabar. O João, o pastor do sr. doutor, condoído com a fome que o gado estava a passar não resistiu e saiu com ele. Vestiu o seu capote e, de cajado na mão, lá foi acompanhado pelo «Fiel», um grande cão de guarda.

As terras baixas estavam alagadas e o pastor conduziu o gado para os montes. O João não cabia em si de contente por ver as suas ovelhas matar a fome e, por isso era já tarde quando resolveu regressar a casa. Porém, quando contou as ovelhas para regressar ao povoado deu pela falta de uma. Voltou a contá-las mas, infelizmente não se tinha enganado. Ele que vivia para as suas ovelhas, não podia voltar sem aquela que vira nascer e ajudara a criar. Era forçoso encontrá-la.

Procurou-a durante muito tempo por aqueles sítios mas em vão. Ele não podia deixar de a encontrar. Andou, andou até que por fim ouviu uns balidos. Escurecia já um pouco. Por isso a subir a uma rocha para ver melhor em seu redor. Mas fê-lo com tal infelicidade que escorregou e partiu uma perna na queda. O «Fiel» que dera pela falta do dono, foi encontrá-lo impossibilitado.

Em breve se constou no povoado que o «Fiel» regressara só. Adivinhava-se já uma grande desgraça. E, dentro em pouco, toda a população alvoroçada foi atrás e o cão até ao lugar onde o pastor caíra.

Improvisou-se uma padiola e conseguiram trazer para casa o pastor que certamente não resistiria à chuva e ao frio.

Toda a gente falava então no «Fiel» que salvara a vida do seu dono.

O lume foi amortecendo e as brasas foram perdendo o brilho e calor. E com voz trémula a avó deu as boas noites e foi deitar-se, mas comentando ainda:

— Foi uma grande lição a que o «Fiel» nos deu!

Maria da Glória Paisana

FÉRIAS NA PRAIA

UM ASSUNTO PARA IRMOS PENSANDO...

Aqui tens a casa onde podes passar as tuas férias grandes

Iniciativa

Fugindo à rotina para ir ao encontro dos anseios de muitos jovens e suas famílias vai o nosso Centro organizar umas férias à beira mar, dando assim aos seus filiados oportunidade a que possam beneficiar de todos os bens que uma praia nos pode oferecer. Sem preocupações de espécie alguma, antes fazendo vida de hotel, poderemos repousar, esquecer a vida escolar e preparar energias para encararmos com optimismo tarefas futuras.

Certamente que todos estarão interessados em passar pelo menos quinze dias numa encantadora e sossegada praia: encantadora, porque a natureza para tal a criou, sossegada porque os homens assim o querem.

Porque não havemos de começar a pensar no assunto? Talvez assim alguns possam ir: a Secção de Camaradagem abriu já as inscrições e receberá uma quota semanal dos que preferirem este tipo de pagamento. Desta maneira, quando chegarmos ao mês de Agosto menos dinheiro teremos de pedir a nossos pais e mais fácil será eles atenderem nosso pedido.

Maravilhosa Esplanada, como podes verificar. Estares ali é o mesmo que estares na praia.

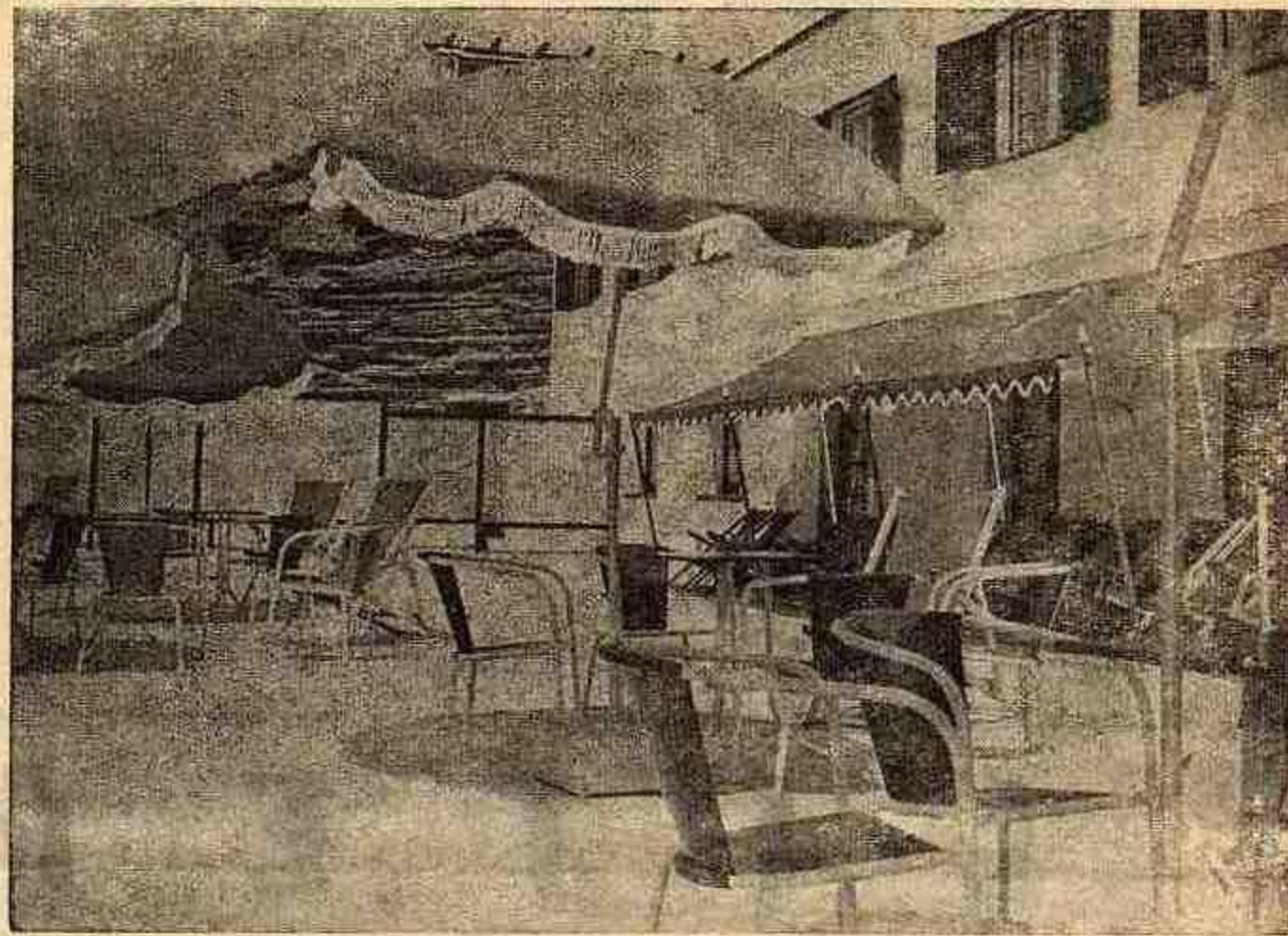
Local

O local escolhido foi o Centro de Férias da Are Branca. Fica situado n Praia da Areia Branca, três quilómetros da Lou nhã, quinze do Bombarral vinte de Torres Vedras. servido por muitas carreir diárias de camionetas q a põem em comunicação c as localidades indicadas, I niche e Lisboa.

A localização é mara lhosa. Trata-se de uma tância de férias, pois que quase totalidade dos se habitantes são pessoas q vivem em Lisboa e ali p suem a sua vivenda, só passando portanto as férias grandes. O luxo máximo da terra está no Casino cujo nome pomposo esconde um clube simpático, aberto a todos e de bom ambiente.

Muitos rapazes e muitas raparigas ali passam as suas férias no meio de um ambiente de franca e sã camaradagem. Organizam imensas actividades quer recreativas quer culturais, que permitem a todos distrair-se e cultivar-se.

Areia Branca é um óptimo ponto para dali irradiarem passeios e excursões: certamente que não deixaremos de visitar as Berlengas e o Vimeiro.

Passou a noite. Novo dia começa. Alegria no rosto de todos. Preparam-se para uma vida pura não esquecendo que isso só se consegue quando se unirem corpo e alma.

Centro de férias

O Centro é uma grande casa com dois andares e cave. Nesta fica uma grande sala de jogos, no primeiro andar a sala de jantar, o gabinete da direcção, posto médico, cozinha, duches e quarto do pessoal e as casas de banho. Tem uma grande esplanada sobre a praia e mercê da sua excelente localização de lá se disfruta uma maravilhosa vista para o mar.

As comodidades são grandes: biblioteca, instalação sonora para música e discos, aparelhagem para cinema, jogos de salão, etc.. Não foi descurado o aspecto religioso e uma pequena capela está à disposição dos que dela desejarem servir-se.

Aqui tomarás as tuas refeições. Ambiente rústico enquadrado segundo o folclore da região.

Vem connosco

Como vês, tudo pronto para que as nossas férias deste ano sejam diferentes para melhor das dos anos anteriores.

Começa já a pensar no assunto e não deixes para o fim a tua inscrição pois que limitaremos o efectivo a um total de quarenta pessoas.

Não haverá disciplina rígida, antes sim ambiente para umas férias sãs num local em que o campo e a praia se encontram e nos permite viver uma autêntica vida de repouso, mas não maçadora mercê dos atractivos ao nosso dispor.

Procura as pessoas encarregadas desta campanha e oferece-te para trabalhar, pois quanto melhor preparadas, melhor serão as nossas férias.

Comissão

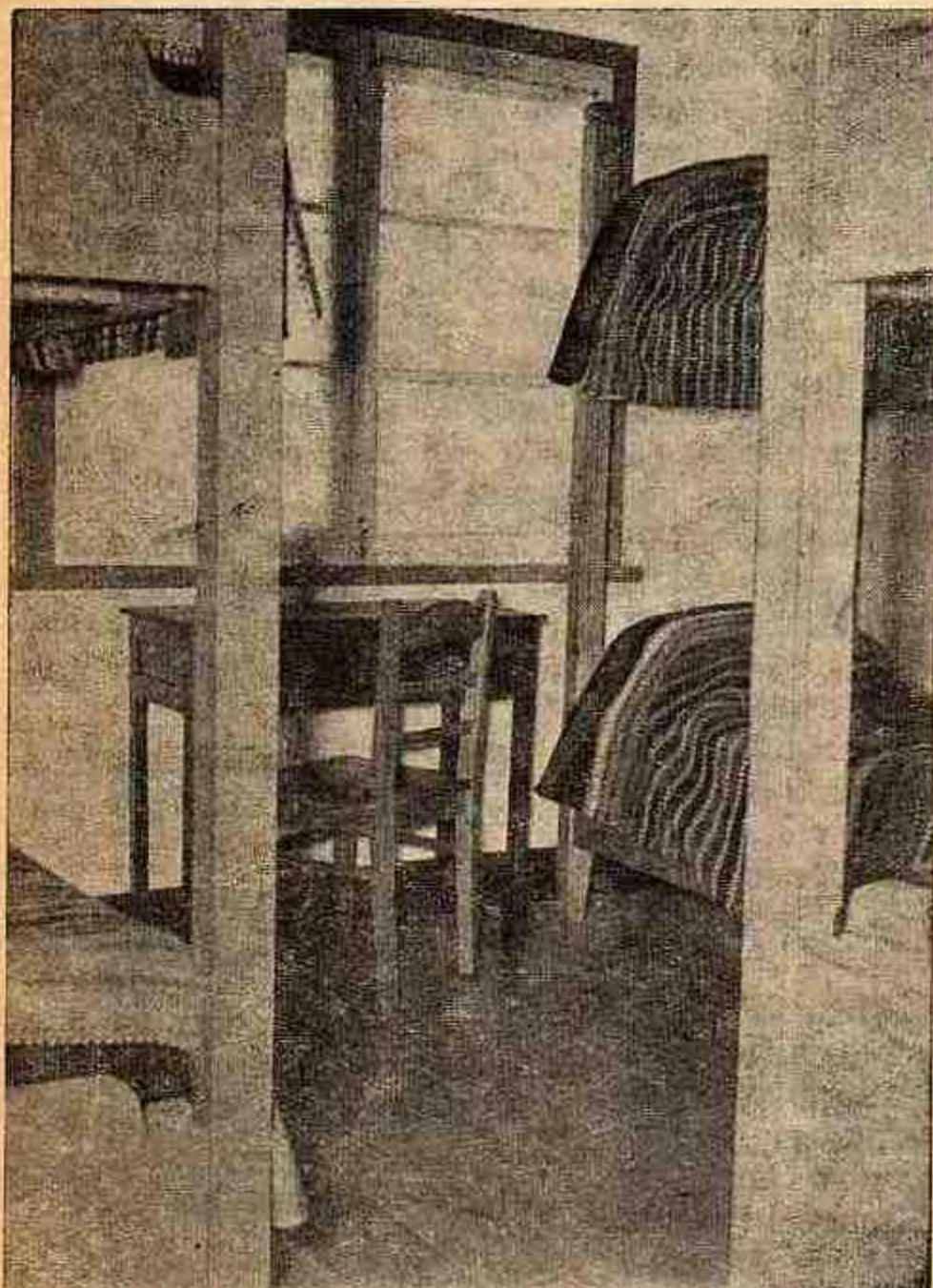
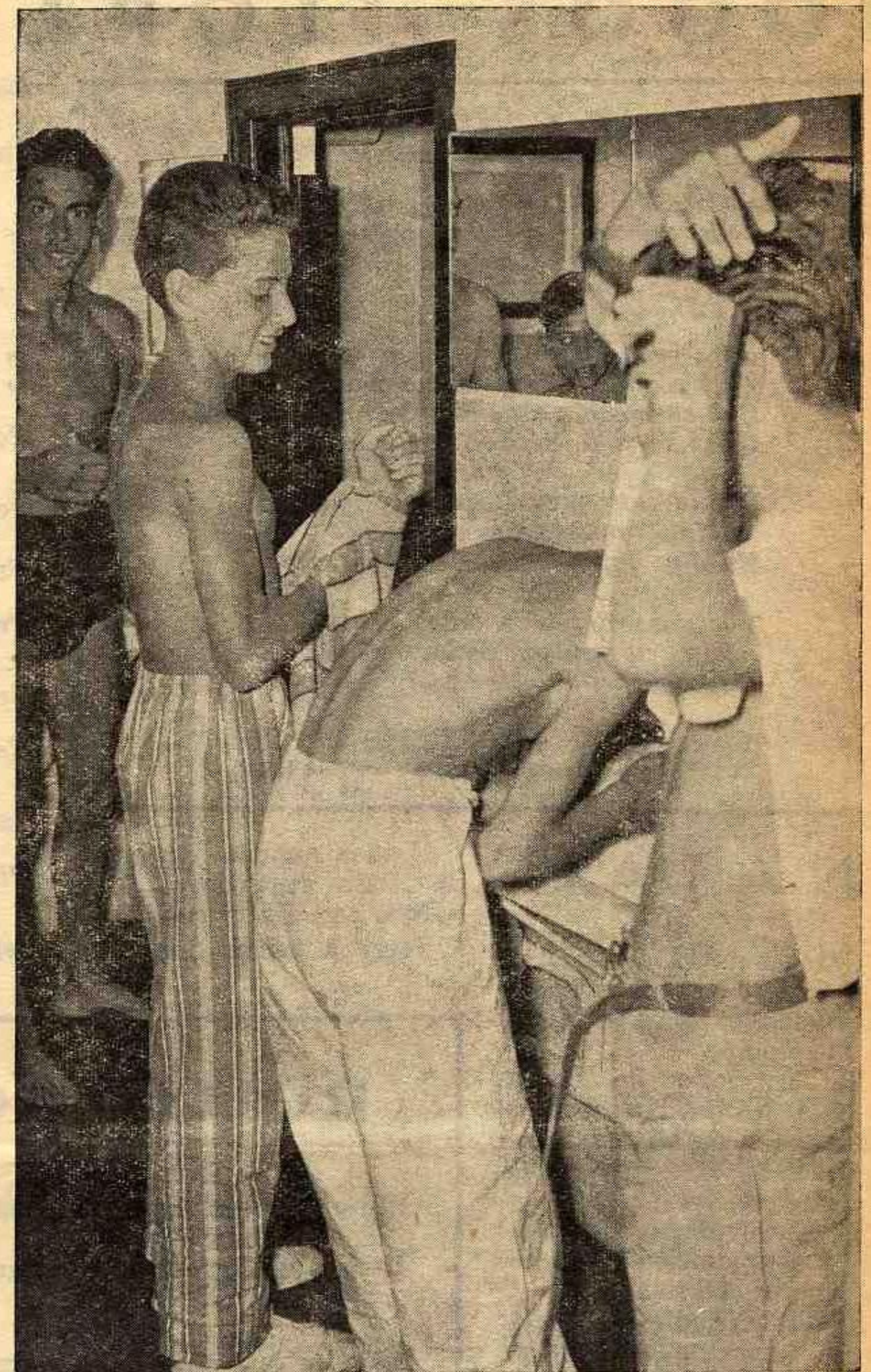
C. B. António José Miranda Garcia

C. C. João António Esgalhado de Oliveira

C. C. João Baptista dos Santos

Filiado José Maria Godinho Antunes.

Quartos virados para o mar com grandes janelas deixando entrar bastante luz e o ar puro. Aqui descansarás o corpo guinte viveres para no dia seum dia melhor.

Sossegadamente poderás cultivar o Espírito. Na Biblioteca há muitas dezenas de bons livros e o ambiente convida-te à meditação.

JOGOS FLORAIS 62

NATAL

Natal! Em cada casa se vê luz,
Cada criança tem o seu presente.
E eu? Que tenho eu, meu bom Jesus?
Sou um pobre, desgraçado certamente.

Para mim nada existe neste mundo.
Vivo sòzinho, triste abandonado!
Que eu tenha o meu Natal só um segundo,
Que não seja, Senhor, um deserdado.

Sou injusto, meu Deus, peço perdão.
Eu falo tantas vezes sem razão
Eu digo tantas coisas sem pensar!

Vós nascestes p'ra todos afinal.
Assim, eu também tenho o meu Natal;
P'ra quê hei-de viver sempre a chorar?!

ANTÓNIO REIS PEDROSO
(1.º Prémio em Poesia dos Jogos Florais de Natal)

NATAL

Natal, palavra doce!

São 23,30 e os sinos tocam chamando os fiéis à Missa da meia-noite.

Lá fora voltou de novo a quietude e o frio parece mais intenso. Do céu cai o luar que envolve a terra parecendo querer agasalhá-la.

Conservo ainda nos ouvidos a suave melodia dos sinos que se calaram.

Se todos soubessem escutar e compreender sinceramente a mensagem de paz e amor que eles nos gritam do alto dos campanários, como o Mundo seria melhor!

Haveria perdão para todas as ofensas; a caridade brotaria mais pura de cada peito e não haveria lugar para malquerenças nem ressentimentos.

Natal agasalhado e feliz para uns, saudoso e triste para outros, doloroso e confortável para muitos.

E vós, ó meu Jesus viestes para todos!!!

Só em vós portanto poderemos ser igualados. Todos poderemos encontrar o nosso quinhão de felicidade se soubermos abeirar-nos de Vós.

Os que tiverem muito sentirão desejos irreprimíveis de repartir com doçura e sem ostentações e os que receberem saberão ser gratos e não os magoará a oferta.

Os tristes consolar-se-ão em Vós e os saudosos encontrarão a esperança porque Vós sois a Luz, a Verdade e a Vida.

Então, quando eu voltar da Missa, sentir-me-ei feliz, porque vos trarei comigo.

Terei à minha mesa da Consoada o Divino Hóspede e com Ele estarão os queridíssimos ausentes.

José Rolão Bernardo
(1.º prémio em Prosa dos Jogos Florais do Natal)

CLASSIFICAÇÃO

Poesia

1.º Prémio—António Reis Pedroso
2.º Prémio — Maria V. M. Freitas e Paiva

Prosa

1.º Prémio — José Rolão Bernardo

Escultura

José Orlando P. de Carvalho

Pintura

Menção Honrosa — Walter Marques Jacinto.

noite bendita

Noite soturna, fria, desumana,
Nem uma estrela só!
Batia o vento forte na arribana,
Em turbilhões de pó!

Maria e S. José se abrigavam,
Naquela noite fria,
Como aves implumes se aninhavam,
A choça estremecia.

Mas logo, belo astro fulgurante
Atravessa o ar,
E docemente foi, no mesmo instante,
Sobre a choça parar.

O vento emudeceu; no Céu profundo
Mil estrelas abriram...
Um véu de paz passou por todo o mundo
A terra e o Céu sorriram.

Descem os Anjos cantando altos louvores
E glórias ao Senhor...
E cantaram os místicos pastores
Hinos de puro Amor!

Noite bendita, tão maravilhosa
Nunca mais haverá,
Como aquela suave e milagrosa
Em terras de Judá!

É que, em hora assim abençoada,
Toda pureza e luz
Nascia, como nasce a madrugada
O Menino Jesus!

MARIA VIOLENTINA M. FREITAS E PAIVA
(2.º Prémio em Poesia dos Jogos Florais de Natal)

DR. CORTE REAL

Antes de ter partido para Aveiro onde foi recentemente colocado como Delegado do Instituto Nacional do Trabalho visitou o Centro e presidiu à inauguração do 5.º ciclo de Palestras de Formação Corporativa o Sr. Dr. Fernando Rui Corte Real e Amaral que durante sete anos exerceu na Covilhã essas mesmas funções.

Sua Excelência foi, então, nomeado Amigo Honorário do Centro.

Em carta escrita de Aveiro disse-nos:

«...Muito embora, e a meu ver, só possa explicar tal distinção por uma sobrevalorização da colaboração que a tão benemérita Organização me tenha sido dado prestar e que, na verdade, de modo algum ultrapassou os limites de que normalmente lhe era devido nem sequer atingiu o nível da mais elevada con-

sideração e respeito que a mesma sempre me mereceu como de igual modo me mereceram os seus dirigentes pela obra eminentemente nacional de formação de juventude que, e segundo pessoalmente o testemunhei, vêm prosseguindo sem desfalecimento. Os termos, condição e ambiente em que me foi generosamente atribuída fazem redobrar, pela afectividade que lhe foi posta, a intensidade dos meus sentimentos de gratidão...»

«Chama» que se orgulha de contar o Dr. Corte Real entre os seus melhores e mais dedicados amigos deseja-lhe as maiores felicidades e agradece-lhe toda a simpatia com que desde a primeira hora acompanhou o nosso trabalho.

"CHAMA"

Referiram-se ao segundo aniversário da «Chama» o «Jornal do Fundão», o «Notícias da Covilhã» e «Formação Social».
Reconhecidos, agradecemos.

sonho

CONTINUAÇÃO DA 3.ª PÁGINA

Coitada, é a única que tem!

Mas Miguel não sabe isto, nem sequer imagina o que isto é, e por isso ficara tão espantado. Mas isso não interessa agora. O que interessa é que amanhã o tão almejado automóvel estará na chaminé e então!...

São agora horas de deitar e Miguel vai. Amanhã é que vai ser!...

E com este pensamento ele adormece, e dorme, com o sono daqueles cuja vida é isenta de preocupações. Mas algo se passa hoje ao contrário das outras noites. Miguel senta-se na cama de súbito. Que se passou? Olha em volta com espanto e estranheza. Aquele não é o seu quarto. O vento entra por um vidro da janela; a cama parece que se tornou de pedra; as paredes parece que vão desfazer-se a cada instante; sente frio, pois os cobertores de lã da sua cama desapareceram; só ali está aquela colcha remendada que não impede o frio de lhe enregelar os pés.

Uma súbita angústia o toma. Que é aquilo? Chama a criada, grita, chora, mas ninguém acode. A mãe. Ah! Lá vem ela. Mas, não é ela! E Miguel conhece-a! É a mãe do Zèzito! Sim, é bem ela, com o seu chaile preto, o seu rosto magro, aquele lenço na cabeça! Miguel grita de susto, de pasmo, de medo, de angústia! Não sabe o que lhe acontece. Agora ela corre para ele, abraça-o, beija-o, acarinha-o, procura acalmá-lo. Sim agora está mais calmo, mas as lágrimas correm-lhe a fio.

De repente, é dia. A mãe do Zèzito desapareceu. Ah! Mas volta outra vez. Traz na mão um carrinho de lata, e mostra-lho, põe-lho nas mãos, os olhos trises húmidos de lágrimas.

— Toma! Foi o Menino Jesus que trouxe para ti!

Mas de súbito, ele recorda-se. Sim, lembra-se do belo automóvel que tinha pedido, e olha para aquele. Um grito sai-lhe da garganta.

— Então, meu filho, que tens? Acorda!

Miguel abre os olhos. A mãe inclina-se sobre ele, o rosto ansioso. Lança-se-lhe ao pescoço e chora desabadamente, sim, mas agora de alívio.

Para o consolar a mãe mostra-lhe o magnífico automóvel que lhe trouxe o Menino Jesus. Mas uma ideia se forma no seu cérebro excitado ainda. Aquele automóvel será para o Zèzito. Ele lembra-se ainda do seu sonho, e da terrível impressão com que ficara. Sim, aquele automóvel irá arrancar gritos de felicidade ao pobre órfão.

ENCONTRO COM O PRESÉPIO

(Continuação da 1.ª página)

adro da Igreja, toda iluminada por uma grande fogueira, acesa ao toque de músicas, de adufes e de harmónios. E o Natal era celebrado apenas junto daquele grande presépio que no altar ou em lugar de relevo todos os anos se levantava. (Em casa era uma festa de grandes dias, em tudo igual aos outros dias de festa).

E quando aquele presépio se transferiu para dentro de mim, compreendi então, e só então que um Natal, um verdadeiro Natal é Cristo em nós, numa união perfeita com Ele, na simplicidade, na naturalidade e na graça com que cada um se disponha para O receber.

A. R.

Actividades do primeiro período

ABERTURA DAS ACTIVIDADES

No dia 20 de Outubro realizou-se neste Centro a abertura solene das actividades para o corrente ano.

Depois dos cumprimentos á Subdelegada Regional da M.P.F. e ao Director do Centro foi dada posse ao A.Q.G. José Fernando da Graça Bordadágua do cargo de Director de Instrução do C. E. 2.

Realizou-se em seguida no Ginásio uma sessão solene a que presidiu o Vice-Presidente da Câmara, Dr. Vítor Pires Marques, e que assistiram autoridades locais, Dirigente e Filiados da M.P.F. e da M.P., muitos professores do liceu, alunos e suas famílias.

Usaram da palavra o Director Adjunto, o Comandante de Centro e o Reitor do Liceu que num breve improviso saudou as autoridades presentes e testemunhou a sua esperança na acção eficiente do Corpo de Graduados.

FESTA DO NATAL

No dia 15 de Dezembro realizou-se a tradicional Festa de Natal pelos nossos filiados a que presidiu o Dr. Francisco Morcela e a que assistiram as autoridades locais, Dirigentes da M.P. e M.P.F., famílias de alunos e muitos filiados que enchiam completamente o ginásio do ginásio do Liceu.

Depois das palavras de saudação do Vice-Reitor falou o C. C. João António Esgalhado de Oliveira, chefe da secção de Camaradagem, para agradecer a generosa colaboração que encontrou quer no Corpo Docente quer nos seus Colegas para o bom êxito desta festa.

Foi dado conhecimento da classificação dos trabalhos apresentados ao Concurso dos jogos florais e que publicamos noutro local.

O orador da sessão e professor do nosso Liceu Rev.° Pe. António de Oliveira Pitta, proferiu uma palestra sobre o significado do Natal e do papel da educação de formação da juventude que foi muito justamente aplaudido por todos os presentes. Deu-se ainda conhecimento da classificação dos presépios tendo sido atribuído o primeiro prémio ao do 5.° ano e o segundo aos das turmas do 2.° ano.

As filiadas Maria Alice Gil Campos e Maria Fernanda Frazão recitaram quatro poesias do António Pedroso.

Depois desta sessão procedeu-se a distribuição do bodo aos pobres que veio beneficiar 120 famílias.

Ao Natal do Soldado, simpática, patriótica e cristã iniciativa, foram enviados 720$00.

Casa da Mocidade

Pelo Director da Casa da Mocidade foi dada posse à nova Direcção que ficou assim constituída:

Presidente — C. B. José Alberto Rolão Bernardo

Delegado do Director — A.C.C. Alberto Branquinho

1.° Vice-Presidente — C. C. João Ernesto Pinto da Silva

2.° Vice-Presidente — C. C. José Proença Mendes

Secretário — A.C.C. António Reis Pedroso

Tesoureiro — C.C. João Baptista dos Santos

Vogais — C.C. Jorge da Conceição Ferreira, C.C. António Gomes Forte, A.C.C. João Manuel Martinho.

Assistiu à tomada de posse da nova Direcção o antigo C.B. Vitor Boga, Presidente da 1.ª e Vice-Presidente da 2.ª Direcção da Casa que teve para os novos elementos directivos palavras de muito estímulo e apreço.

ENG. MELO E CASTRO

Por ter que se ausentar para Lisboa em tratamento da sua saúde delegou o Senhor Eng. Ernesto de Melo e Castro, nosso Subdelegado Regional, as suas funções no Dr. Abrantes da Cunha, Director do Centro Escolar n.° 2.

«Chama» exprimindo os sentimentos de todos os dirigentes e filiados do C.E. 2 deseja ao Senhor Eng. Melo e Castro e a sua Exma. Esposa que se encontra, igualmente, muito doente completas e rápidas melhoras.

No dia 16 de Outubro foi celebrada na Igreja de Santa Maria Maior pelo Rev. Assistente do nosso Centro uma missa pedindo a Deus as melhoras do Subdelegado Regional por deliberação do nosso Conselho de Centro.

MOVIMENTO

DIRECTOR DAS ACTIVIDADES VOLUNTÁRIAS

Passou a prestar serviço no no C.E. 2 o A.Q.G. Dr. Cândido Alves Antunes Baptista, antigo Adjunto do Director do C.E. 1 desta Ala. O novo dirigente passou a desempenhar as funções de Director das Actividades Voluntárias.

DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE ESTÉTICA

Foi nomeado para Director dos Serviços de Estética o Arquitecto Fernando Viegas d'Abreu Proença que anteriormente desempenhou as funções de Adjunto de Instrução Geral.

CONSELHO DE CENTRO

Ficou assim constituído o Conselho de Centro:

Comandante de Centro — C.B. José Alberto Rolão Bernardo

Comandante de Centro Adjunto — C.C. António Gomes Forte

Comandante de Instrução — C.C. Proença Mendes

Adjunto do Comandante de Instrução — C.C. José Orlando Pereira de Carvalho

Chefe da Secção Cultural — A.C.C. António Reis Pedroso

Chefe da Secção de Secretaria — C.C. João Baptista dos Santos

Chefe da Secção de Camaradagem — C.C. João António Esgalhado de Oliveira

Chefe da Secção de Imprensa — A.C.C. João Manoel de Oliveira Martinho

Chefe da Secção Desportiva — C.C. José Proença Mendes

Chefe da Secção de Tesouraria — C.C. Rui Cavaca Marcos

Chefe da Secção de Saúde — A.C.C. José Manuel Barreiros

Chefes da Secção de Material — A.C.C. José Alberto Camolino e Sousa e Francisco José Botelho Roseta.

Chefe da Secção dos Amigos do Cento — C.C. Jorge Manuel Freire Boga

SUBSECÇÕES CULTURAIS

Foram criadas as seguintes subsecções culturais e nomeados para a sua chefia os filiados:

Música — C.C. José Orlando Pereira de Carvalho

Teatro — A.C.C. Alberto Augusto Abrunhosa Branquinho

Filatelia — A.C.C. João Fernando Camarate de Campos

Biblioteca — A.C.C. José Hermínio Paulo Rato Rainha

Cinema—A.C.C. Fernando Jorge Ponces de Carvalho

CORPO REDACTORIAL DA «CHAMA»

Chefe de Redacção
João Manoel Martinho.

Redactores:
António Miranda Garcia, José Rolão Bernardo, Alberto Branquinho, António Pedroso, Maria Manuela Moura e Silva, Maria Fernanda Frazão e Maria Isabel Roseta.

NOVOS ARVORADOS

Foram promovidos no dia 1 de Dezembro de 1962 a arvorados os chefes de Quina deste Centro:

Carlos Alberto Rosa Marques, José Manuel Coelho Saraiva, Vitor Manuel Andrade Antunes, João Nuno Ferreira Saraiva, Carlos Lázinra Neves e Carlos Manuel da Silva Franco.

Delegado do I.N.T.P.

Visitou o nosso Centro o novo Delegado do I.N.T.P. Dr. Jorge da Cunha Pimentel.

Para além da gentileza e cortesia da sua visita que muito agradecemos alegrou-nos, principalmente, saber que o antigo filiado distinguido com a Medalha de Assiduidade continuava a votar o mesmo entusiasmo pela M.P. e que na sua pessoa podemos contar com mais um amigo sincero.

Desejando muito sinceramente que o Dr. Jorge da Cunha Pimentel encontre neste Distrito a felicidade que merece renovamos os nossos agradecimentos pela colaboração que tão amàvelmente nos prometeu.

Novo Vice-Reitor

Foi nomeado Vice-Reitor do Liceu Nacional da Covilhã o A.Q.G. Dr. Francisco Ligório Morcela, professor efectivo do 5.° Grupo.

Antigo filiado, o Dr. Ligório Morcela foi dos primeiros alunos do Liceu Nacional de Castelo Branco a inscrever-se na Mocidade Portuguesa, logo após ter sido criada esta patriótica Organização.

Em Coimbra licenciou-se em Ciências Geográficas e no Liceu Normal D. João III fez o estágio para o exercício do Magistério Liceal ficando, depois, a prestar serviço nesse mesmo Liceu até à entrada em vigor do actual Estatuto do Ensino em virtude do qual teve de ser transferido para o Liceu Nacional de Braga. Mais tarde, a seu pedido, regressou ao Liceu de Castelo Branco, sua terra natal.

Dr. Francisco Ligório Morcela

Durante os 7 anos que aí prestou serviço desempenhou, no 1.° as funções de Director de Centro Adjunto e nos 6 restantes de Director de Centro tendo como Dirigente da M. P. servido, com o maior zelo, dedicação e competência.

Para subir de categoria concorreu ao lugar de professor efectivo do Liceu Nacional de Vila Real onde permaneceu durante 6 anos e recebeu, ao despedir-se, inequívocas provas de apreço e simpatia por parte dos alunos, encarregados de Educação, Corpo Docente, amigos e Imprensa Regional.

Para se aproximar da terra da sua naturalidade o A. Q. G. Dr. Francisco Ligório Morcela, aproveitou-se da vaga criada no Liceu da Covilhã, como consequência da sua elevação a Nacional, e estamos certos que entre nós irá obter os mesmos resultados lisongeiros que sempre coroaram o seu trabalho.

Nomeado Vice-Reitor encontra-se a prestar serviço na Secção do nosso Liceu.

Com o interesse que sempre lhe mereceram as actividades da M.P. o Dr. Francisco Morcela visitou a sala do Filiado do Centro e a Redacção da «Chama».

Por se encontrar doente o nosso Director de Centro e Reitor do Liceu coube ao A.Q.G. Dr. Francisco Ligório Morcela o presidir à Festa de Natal e receber a Romagem dos Antigos Graduados e Chefes de Secção.

Com o Dr. Francisco Morcela no Liceu da Covilhã, não é sòmente um Dirigente a mais, mas, principalmente, mais um Dirigente com que podemos contar pelo entusiasmo, lealdade e dedicação que sempre consagrou à Mocidade Portuguesa.

Prova de Aptidão do Graduado

Depois de alguns anos de interrupção teve lugar no dia 11 de Novembro a prova de Aptidão do Graduado da Ala da Covilhã de que foi Director o A.Q.G. Dr. Fernando Bernardo Panarra e que teve 12 participantes na Prova de Aptidão do Graduado.

Individualmente obtiveram os 7 primeiros lugares Graduados do C. E. 2:

1.° — C.C. João António Esgalhado de Oliveira

2.° — C.C. João Baptista dos Santos

3.° — C.C. Jorge Manuel Freire Boga

4.° — C.C. José Proença Mendes

5.° — C.C. José Orlando Pereira de Carvalho

6.° — C.C. António Gomes Forte

7.° — C.C. Rui Cavaca Marcos

Por equipas obteve o 1.° lugar uma do nosso Centro chefiada pelo C.C. José Proença Mendes e de que faziam parte os C.C. João António Esgalhado de Oliveira e Rui Alberto Cavaca Marcos.

PASSATEmPO

A.³ B.

Caras e casos do último número

(ver o número 11)

2.ª página

Quem tiver visto por alto a reportagem da ida a Castelo Branco e tenha visto a legenda da gravura—«Duas terras... um só ideal» — fica intrigado a pensar qual será o ideal comum às duas terras.

— Será que esse ideal é a disputa da sede de Distrito?

COMANDANTE DO CENTRO C. B. ROLÃO BERNARDO

Este folhetim literário é bastante comprido; será este o último episódio?

— Julgo que não.

(Segue no próximo número).

4.ª página

DESENHANDO O JORNAL DE ÁRVORE

Diz o Roseta:

— Prepara-te, Zé, olha a «pligrafia».

MONTAGEM DO ACAMPAMENTO

Análise duma quina:

Mandar, obedecer e... ver trabalhar.

5.ª página

Os três grandes...

O fotógrafo apanhou-os em trajes que não são tão «grandes»...

DESCASCANDO BATATAS

Uns são fortes a descascar batatas, outros a «bater-se à fotografia...

6.ª página

MOVIMENTO

C. C. JOSÉ PROENÇA MENDES

O Judas a falar no deserto...

A.Q.G. JOSÉ F. BORDADÁGUA

Tão bonito! E não tirou os óculos como outras pessoas fazem.

— Ó Zé, não foste tu que fizeste o papel de galã em dois filmes que vimos no ano passado...

7.ª página

AVENTURAS E DESVENTURAS DO A₃B.

Gostava de saber quem foi o «cow-boy» que me andou a meter em sarilhos...

8.ª página

O MOMENTO INAUGURAL

A Isabel preocupada:

— Querem ver que o Sr. Comissário se esquece e mete a tesoura no bolso?!

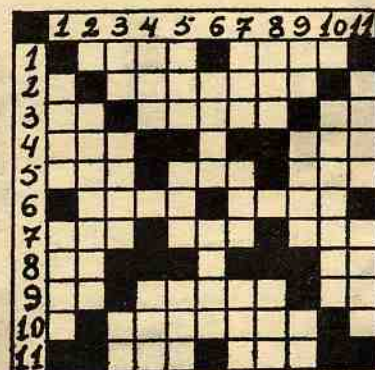
— Ouvel á! Já te dei autorização para fumares na minha frente?!

COISAS DA VIDA

Quando o comboio descarrilou o Pancrácio ficou numa situação muito crítica — estava nos W.C....

Calculem!...

Conheci um tipo que em tudo o que fazia na vida se guiava pelos astros. Um dia deu uma cabeçada num candeeiro por ir a orientar-se pela Estrela Polar e morreu.

Até na morte foi um astro que o guiou!

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais — 1—Avalia; rouba; 2—Repete; 3—Atmosfera; cabeceia; neste sítio; 4—Colocar; além; 5—Dono; triture; casa; 6—Une; atam; 7—Nervos; unidade (fem.); doença; 8—Escarnece; deus; 9—Ruim; arrostar; atmosfera; 10—Expediram; 11—Vibra; membro das aves.

Virticais — Pule; filha do mesmo pai; 2—Festa; 3—Senhor; rebola; artigo no plural; 4—Nome próprio arcaico; fracção; 5—Companheira, ruim; braço de mar; 6—Três; altar; 8—Cólera; anuros; 9—Deus; fileira; ruim; 10—componente do granito; 7—Possuir; conjunto de Centros; Berrara; 11—Peça de vestuário; vadie.

A partir do presente número e do problema que por ele é também publicado, está aberto um concurso de Palavras Cruzadas.

Todos os filiados deste Centro e filiadas do Centro Escolar n.º 1 da M.P.F., além dos restantes filiados da Ala, podem concorrer.

O apuramento será feito e publicado no último número da «Chama» no corrente ano lectivo.

Se acaso houver empates, o vencedor será indicado por sorteio com a presença dos interessados e demais filiados que queiram assistir.

Haverá um único prémio que será preenchido por livros à escolha do premiado, cujo preço não exceda a importância de 100$00.

Para efeito de apreciação e classificação deverá o problema, resolvido e recortado da «Chama», ser entregue a um dos membros da redacção, acompanhado do nome do concorrente, da turma a que pertence e do número.

Esta entrega deverá ser feita até ao fim do mês em que sair o jornal que publica o problema.

MIRADOURO

(crónica muito crónica)

I

Correu o boato de que se tinham começado a cavar os alicerces do Liceu novo, mas, mais tarde chegou-se à conclusão de que tal escavação era a toca abandonada de um grilo vadio...

II

Depois das delegações em S. Francisco e S. Silvestre que mais delegações se farão esperar até vir o novo Liceu?

III

Comentário de um forasteiro que visitou a Covilhã:

— Para que querem vocês um Liceu novo? Vocês já têm três!

Anedota

O jornalista — Porque se encontra o senhor aqui?

O preso — Porque os muros da cerca são muito altos e as grades muito fortes...

DIA DA MOCIDADE

Desfile: resultado da educação da vontade e amor pela disciplina.

O dia 1 de Dezembro foi comemorado na nossa Ala com várias solenidades.

Os filiados concentraram--se junto ao Liceu tendo depois desfilado até à Igreja de Santa Maria Maior onde se celebrou a Santa Missa.

Pelas 11 h. teve lugar na Casa da Mocidade uma breve sessão a que presidiu em representação do Subdelegado o Director do Centro Escolar 2, Dr. José Abrantes da Cunha.

Procedeu-se à imposição de Assiduidade ao Comandos e Chefes de Quina, à condecoração com a medalha de Assiduidade do Comandante da Ala e à entrega de medalhas desportivas obtidas nos campeonatos Distritais do ano passado.

Depois do Director da Casa da Mocidade ter dirigido a todos os presentes uma palavra de saudação, discursaram o C. B. Rolão Bernardo e o Dr. Abrantes da Cunha.

De tarde realizou-se no ginásio da Escola Industrial e Comercial Campos Melo uma sessão recreativa em que estiveram presentes filiados de todos os Centros e uma larga representação da M.P.F.

Primeiro posto de uma hierarquia para servir.

Recortes

FORMAÇÃO SOCIAL

Sob a direcção do Sr. José Nunes Torrão começou a publicar-se na Covilhã um novo jornal intitulado «Formação Social».

Não só pelo interesse dos seus artigos, como pela apresentação gráfica depressa conquistou a simpatia de todos os seus leitores.

Ao felicitarmos muito vivamente o Director de «Formação Social», estamos certos cumprirá digna e exemplarmente a missão para que foi criado.

«ALVORECER»

Recebemos o jornal «Alvorecer», órgão do C.E. 1 de Guimarães.

Daqui enviamos para os filiados vimaranenses o mais cordial abraço.

«O COLONIZADOR»

Temos recebido regularmente «O Colonizador», publicação mensal dirigida pelo Reverendo Padre Gil que é órgão da maravilhosa «Obra da criança abandonada», iniciativa onde transparece a mais elevada caridade cristã.

Felicitamos muito vivamente o seu Director desejando à Obra que tão dignamente serve as maiores felicidades.

«TENTATIVA»

«Tentativa», jornal do C. E. 1 de Beja entrou no seu 5.º aniversário.

Felicitamos os nossos camaradas Bejenses.

«MAIS ALTO»

Temos recebido este simpático jornal, orgão da Congregação Mariana de Santo Estanislau e apreciado o desenvolvimento desta congregação de jovens.

Agradecemos as referências gentilmente feitas ao Liceu.

Centro Escolar 2

Esteve doente e foi submetido a uma operação cirúrgica o nosso Director de Centro que felizmente se encontra em franco restabelecimento.

«Chama» faz sinceros votos pela continuação das melhoras do Dr. Abrantes da Cunha.

CHAMA

SUPLEMENTO PARA INFANTES

1 DE JANEIRO DE 1963 — NÚMERO 1

O ACAMPAMENTO — VIDA

Portugal possuis Vida,
erguida
nos corações
desta nossa Mocidade!
É vê-la, no Acampamento,
mostrar-se em cada momento,
nas suas realizações,
uma forte Realidade.

EUGÉNIO D'ASCENSÃO

GIL

PARA TI...

Dedicado aos alunos do primeiro ciclo surge hoje um pequeno suplemento integrado na «CHAMA». Se Deus quiser, ele continuará a aparecer daqui para o futuro, sendo-te inteiramente destinado, colega mais novo.

Faremos os possíveis por te agradar, para o que necessitamos de saber o que pretendes que «Suplemento» seja. Contamos com a tua colaboração: dá-nos artigos, desenhos, críticas ou sugestões. O jornal é feito pelos teus colegas, pelo que está longe de atingir a perfeição. Estamos certos que saberás desculpar algum erro que involuntàriamente cometamos.

Não te alheies das campanhas que lançarmos: desde já chamamos a tua atenção para o Concurso que aparece na página 3.

Podes contar connosco para o que desejares: procura-nos que estaremos sempre ao teu dispor.

Ao iniciarmos o nosso trabalho, dirigimos-te as nossas melhores saudações.

«SUPLEMENTO»

CHAMA
SUPLEMENTO PARA INFANTES
N.º 1
1 de Janeiro de 1963

Colaboraram neste número:
António Durães
Matias Fernandes
Miranda Garcia
Serviço de Publicações de M. P.

SUPLEMENTO
CUPÃO
1.ª JORNADA

PEQUENO PASSATEMPO

ANEDOTAS

— ...Então toquei a campainha para chamar o meu criado...
— Mas tu não tens criado!
— Não. Mas tenho campainha...

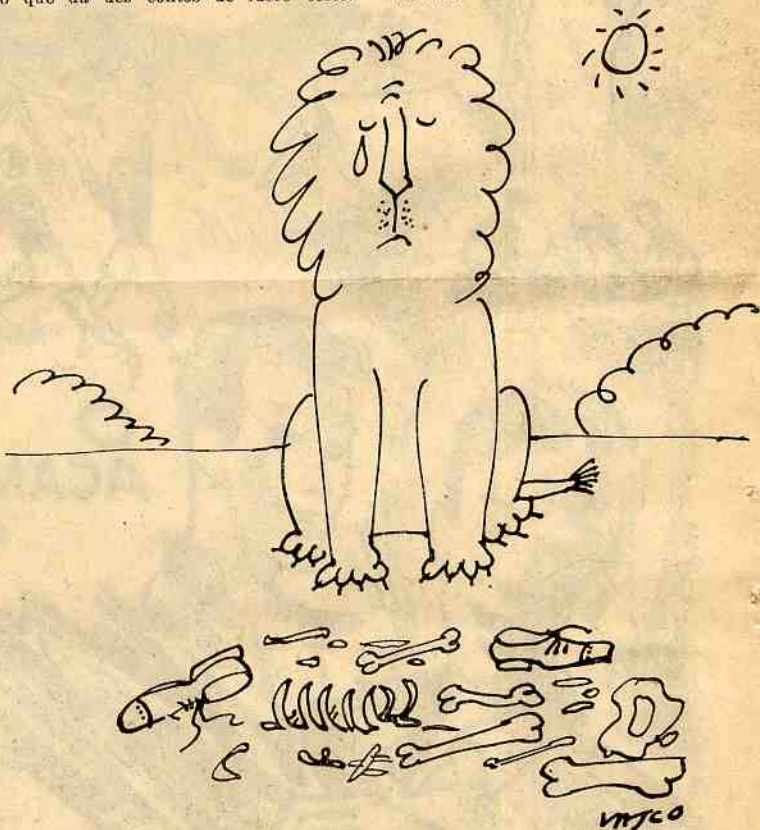
—)(—

O bandido entrou no Bar com duas pistolas nas mãos e gritou:
— Ponham-se na rua, seus patifes!
Todos fugiram menos um indivíduo que continuou a beber, muito calmo.
— Você não ouviu?
— Ouvi. Muitos patifes havia aqui dentro...

—)(—

— Venho propor-lhe um bom negócio que dá dez contos de lucro certo.
— Queira explicar...
— Disseram-me que o senhor dá um dote de 100 contos à sua filha; pois bem eu caso-me com ela mesmo por 90 contos!...

—)(—

Uma senhora achou a conta do médico um bocadinho exagerada e ele então lembrou-lhe:
— Não se esqueça de que fiz onze visitas a sua casa, quando seu filho teve o sarampo.
— Não se esqueça o senhor Dr. também de que ele contagiou a escola inteira...

AMIZADE

CURIOSIDADES

Coitado do mentiroso:
Mente uma vez, mente sempre
e nem que fale verdade
Todos lhe dizem que mente.

—)(—

A águia voa sòzinha, o corvo em bandos; o tolo precisa de companhia, o sábio deseja a solidão.

Nem todos os que pregam ao mundo são apóstolos.

—)(—

Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou:
Uns dizem que ela é baixa,
Outros que de alto passou.

Concurso histórico-fotográfico

PRIMEIRA JORNADA

Quais as localidades que as fotografias representam? Que facto histórico te recordam?

Entrega as respostas a estas perguntas na nossa redacção (ou envia-as pelo correio) e ficarás habilitado a vencer o nosso concurso.

Importante: — corta o cupão impresso no final da pág. 2 e cola-o no papel onde responderes, pois sem ele não poderás concorrer.

Poderás entregar as respostas até ao dia **28 de Fevereiro.**

REGULAMENTO

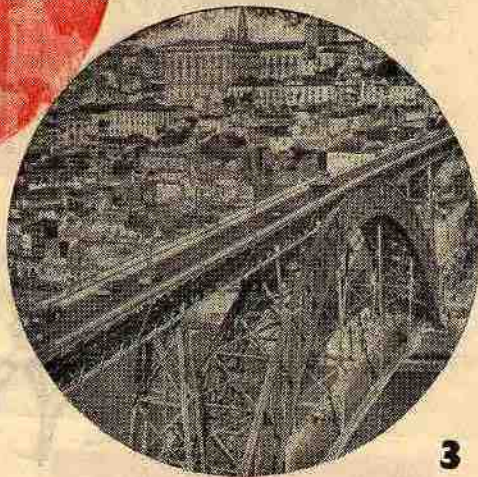
1 — Podem concorrer todos os filiados e filiadas leitores do nosso jornal, excepto os colaboradores.

2 — Para concorrer basta identificar as localidades onde as fotografias foram tiradas, indicar um facto histórico que elas sugiram e juntar o cupão respectivo.

3 — O concurso durará três jornadas, sendo atribuído a cada uma seis pontos. Ganhará o concorrente que no final somar maior número de pontos.

§ único. Em caso de igualdade vencerá o concorrente de menor idade.

1

3

A gratidão dos animais

Lançaram na praça alguns criminosos, para lutarem com as feras e serem delas despedaçados. Um destes réus era um homem natural da Dácia, escravo de certo varão consular. Arremeteu a ele o leão para o fazer leve pasto do seu esfaimado ventre (nem aquela miserável vítima esperava já outro sepulcro) quando, de repente, parou o leão e correu atentamente com os olhos: como que o conhecia antes e queria certificar-se. E, já que acabou de conhecê-lo, se chegou manso e humilde e o lisonjeava, movendo a cauda e lambendo-lhe as mãos, como se fora um cachorrinho doméstico. E o homem, conhecendo também o leão, começou de afagá-lo e correu-lhe as mãos pelas jubas.

Levantou-se em todo o anfiteatro um confuso ruído de clamores, porque este espectáculo era para todos, com razão, mais admirável que os outros. Foi chamado ao César o dito homem e perguntando pela causa desta estranha maravilha; e ele com humildade simples, contando a verdade:

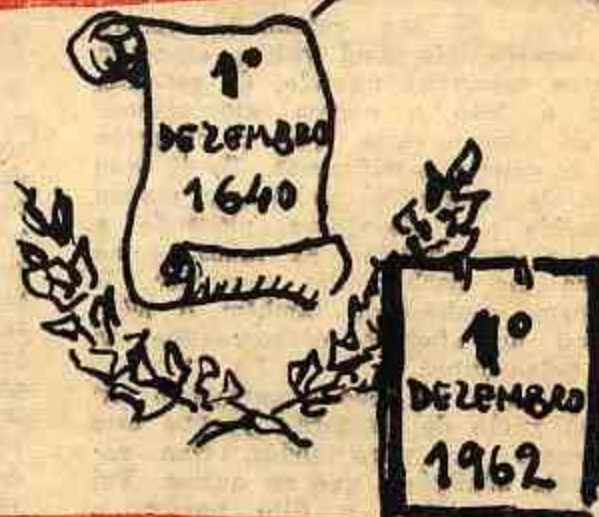
— Sou, disse, um escravo por nome Androdo, que estando em África com meu senhor, que naquela província era procônsul, por não poder tolerar suas crueldades e mau trato, fugi para os montes, onde buscando esconderijo contra os que me seguissem e amparo contra os ardentes sóis daquele clima, vim a entrar em uma cova que me pareceu mais oculta e sossegada. Não tardou muito que o morador dela, que era este leão, viesse de fora a recolher-se. Qual seria neste passo o meu susto e pavor, o mesmo caso o explica. Porém vinha a fera manquejando e trazia suspensa no ar a mão e, do modo que podia, ma mostrava, como pedindo remédio. Cobrei então ânimo com a necessidade do leão e, pegando-lhe na mão, vi que tinha nela cravado altamente um agudo abrolho, donde lhe procedia inchação da parte, com dores que o faziam bramir. Tirei-lhe o abrolho, espremi-lhe o sangue podre e matérias que tinha criado e lhe vendei a mão com uma tira que rasguei do meu vestido, sofrendo o bruto a cura quietamente. E, como tomou alívio na dor, se estendeu a dormir junto de mim, sem tirar a sua mão das minhas — como que nelas sentia algum fomento. Dali por diante, sarada já a ferida, todos os dias trazia do que caçava, e eu, torrando aos raios do sol os pedaços de carne de outros animais, passei assim três anos. Até que, aborrecido deste ferino modo de viver, deixei a cova, ao tempo que o leão andava fora; e logo vim a cair nas mãos de outros mais ferozes, que me conheceram e me prenderam e levaram à presença do meu senhor, que é a causa de eu ser agora lançado às feras; e, pelo que vejo, devia o leão ser também colhido para ajuntar aos mais, nos espectáculos deste povo.

A familiaridade e hospedagem de tanto tempo o tinha domesticado comigo; e por essa causa, não me fez mal, antes mostra conservar a lembrança daquele antigo benefício que de mim recebeu.

Admirado César, mandou que fosse passando a notícia a todo o povo, o qual levantando clamor, pediu que Androdo fosse solto e livre e lhe dessem o leão.

Assim se executou e, daí por diante, andava Androdo por toda a cidade, levando consigo o leão atrelado por um delgado esparto, e todos diziam:

«Este» é o leão hóspede do homem; este é o homem médico do leão.

PE. MANUEL BERNARDES

DIA DA MOCIDADE
Centenas de filiados
De noite à alvorada
Rezaram com grande fé
Na patriótica velada.
Ao romper do novo dia
Tocaram clarins altivos
Anunciando ao Mundo
Mais um dos dias festivos
Então muito garbosos
Desfilaram com vaidade
Sendo bastante aplaudidos
Pela gente da cidade
Ouviram depois a missa
Pelos Heróis falecidos
Pedindo também a Deus
Pelos seus entes queridos
E houve à tarde sessões,
Festas, jogos desportivos
E também se entregaram
Os prémios mui merecidos
1° DEZEMBRO 1640
1° DEZEMBRO 1962
No primeiro de Dezembro
Com grande solenidade
Festeja-se assim amigos
O DIA DA MOCIDADE